

Entre a Ação e a Especulação: o Papel do Corpo em Matéria e Memória

Between Action and Speculation: the Role of the Body in Matter and Memory

DIÓGO COSTA FERNANDES¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar a discussão do filósofo Henri Bergson acerca do papel do corpo no primeiro capítulo da obra *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. O estudo da percepção é o mote principal que orientará a proposta desse artigo. Seguiremos uma argumentação que vai desde uma abordagem da contribuição do sistema nervoso na transmissão dos estímulos recebidos dos objetos exteriores ao corpo humano até uma explicação do que seria a percepção em seu estado mais puro. Também apresentaremos uma das principais conclusões de Bergson quanto ao papel do corpo para a vida do ser humano: o corpo tem uma função ativa, não sendo destinado à especulação. Por fim, esse artigo pretende focar em uma reconstrução da argumentação de Bergson, a partir de uma estratégia hermenêutica, visto que detalha os principais argumentos do autor quanto ao papel do corpo em *Matéria e Memória*.

Palavras-chave: Percepção. Ação. Realismo. Idealismo. Bergson.

Abstract: This article pretends to show a philosophical discussion of Henri Bergson about the role of the body in the first chapter of the book *Matter and Memory: Essay on the relation of the body and spirit*. The study of perception is the main issue that will guide the objectives of this article. We will follow the argumentation that goes from an approach of the contribution of the nervous system in its transmission of the stimuli received from the external objects to the human body until an explanation of what should be perception in a pure state. We will also present one of the main Bergson's conclusions about the role of the body to the human life: the body has an active function, not being intended to speculation. Lastly, this article intends to focus in a reconstruction of the Bergson's argumentation, as from a hermeneutical strategy, since it details author's main arguments about the role of the body in *Matter and Memory*.

Keywords: Perception. Action. Realism. Idealism. Bergson.

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: diogosj@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O problema da relação do corpo com o espírito, que recebeu grande destaque após a filosofia cartesiana, também foi tratado por Bergson na obra *Matéria e Memória*. Claramente, Bergson assumiu uma postura dualista, afirmando a realidade do corpo e do espírito.² Neste artigo, trataremos do papel do corpo nessa relação do corporal com o mental. Em se tratando de uma abordagem sobre corpo humano, especialmente do fenômeno da percepção, Bergson teve como principal interlocutor a Psicofisiologia, primeira corrente da Psicologia Experimental, do século XIX. Os estudos dos psicofisiologistas, em geral, apontavam para uma relação de um paralelismo estrito entre os estados cerebrais e os estados mentais.³ Caso essa hipótese do paralelismo se confirmasse, a partir dos estudos referentes ao cérebro humano, seria possível determinar tudo o que se passa na consciência correspondente, o que soou um exagero para Bergson. Para ele, os estados cerebrais esboçariam apenas uma ínfima parte do que se passa em uma consciência, somente os aspectos relacionados à ação humana.⁴

Para demonstrar essa hipótese de que há uma relação entre os estados cerebrais e os estados mentais, mas que tal relação não é uma correspondência, Bergson se propôs um estudo do papel do corpo nessa relação para, posteriormente, estudar o aspecto mental, tendo a memória como eixo base de sua reflexão. Apesar da importância da memória para a formulação de uma teoria do conhecimento, concentrar-nos-emos no estudo da percepção, cujas consequências refletem o alcance da proposta do autor: repensar o papel do corpo em função da ação em vista da sobrevivência do organismo. Como o autor pretendeu refutar o paralelismo psicofisiológico, ele se deparou com o realismo e o idealismo quanto à matéria, bases da premissa do referido paralelismo.

Bergson fez uma demarcação conceptual e histórica do termo “realismo”⁵. A base da afirmação realista é de que há na matéria aspectos

² O termo espírito, em Bergson, não possui uma conotação religiosa, mas retrata a vida interior do ser humano, a saber, os aspectos da vida mental.

³ “[...] se pudéssemos penetrar no interior de um cérebro que trabalha e assistir ao fogo cruzado dos átomos que formam o córtex cerebral, e se, por outro lado, possuíssimos a chave da psicofisiologia, saberíamos em detalhe tudo o que se passa na consciência correspondente.” Ver: BERGSON, 2010, p.4.

⁴ *Ibid*, p.6.

⁵ Lalande, dentre as várias possibilidades, define o realismo como “Doutrina na qual o ser é independente do conhecimento atual que os sujeitos conscientes podem ter; esse não é

que fogem à possibilidade de representação, que o mundo material é independente da representação que o homem pode fazer dele. Isso significa que “[...] sob nossa representação da matéria há uma causa inacessível dessa representação, que por trás da percepção, que é atualidade, há poderes e virtualidades ocultas [...]”, ou seja, percebemos o mundo a partir de nossas estruturas de percepção (BERGSON, 2009/A, p.194). Para o realista, percebemos “coisas”, pois estas carregam algo de indeterminado. Uma peculiaridade no pensamento bergsoniano é que o autor identifica esse realismo com a filosofia de Descartes.⁶ Embora seja mais comum nomear a Descartes como um idealista,⁷ a caracterização dada por Bergson à filosofia cartesiana se deve ao fato de que esta, ao afirmar que da matéria só podemos conhecer os aspectos ligados à extensão geométrica, colocou o conhecimento do mundo exterior muito distante de nós.⁸

Já o “idealismo”⁹ é um sistema de notação que nomeia de “representações” os dados recebidos pela percepção. Para um idealista, a realidade não contém mais elementos do que aquilo que nós representamos desta. Tudo na matéria poderia ser representado, não havendo espaço, assim, para a algo que exista independente das representações: “Em resumo, o idealismo é o sistema de notação que implica que todo o essencial da matéria é mostrado ou mostrável na representação que temos dela, e que as articulações do real são as mesmas de nossa representação.”¹⁰ Para Bergson, Berkeley é o expoente do idealismo acima caracterizado¹¹, pois, no afã de

equivalente a *percipi*, mesmo no sentido mais largo que podemos dar a essa palavra”. Outra definição dada por ele é: “Doutrina na qual o ser é, *em natureza*, outra coisa que o pensamento, e não pode nem é tirado do pensamento, nem se exprimir de modo exaustivo em termos lógicos.” (*Id*, 1997, p.892 – grifo do autor; tradução nossa).

⁶ BERGSON, 2012 p.302.

⁷ LALANDE, 1997, p.438. Lalande apresentou a descrição kantiana em que este define o cartesianismo como um “idealismo problemático”.

⁸ BERGSON, 2010, p.3.

⁹ André Lalande fez uma apurada descrição do idealismo em suas diversas expressões (Ver: LALANDE, 1997, p.435-444). De modo geral, ele disse que o idealismo é a tendência filosófica que situa a existência no campo do pensamento, entendendo o pensamento de modo muito amplo, segundo ele, tal como aplicava Descartes. Lalande apresentou uma definição de idealismo dada por J. Lachelier: “O *idealismo*, no sentido filosófico, consiste, parece-me, em acreditar que o mundo – que ao menos eu posso o conhecer e falar dele, - compõe-se exclusivamente de representação, e mesmo de minhas representações, atuais ou possíveis, materiais ou formais.” (LACHELIER, Jules, apud LALANDE, 1997, p.438-439 – grifo do autor; tradução nossa).

¹⁰ BERGSON, 2009/A, p.194. Esta obra se refere à BERGSON, Henri. *A Energia Espiritual*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno).

¹¹ BERGSON, 2009/B p.361. Esta obra se refere à BERGSON, Henri. *L'énergie spirituelle*. 9.ed. Paris: Quadrige / PUF, 2009. (Édition Critique).

resgatar o conhecimento humano da realidade exterior, ele afirmou que as qualidades secundárias da matéria tinham, ao menos, tanta realidade quanto às qualidades primárias. Porém, para as equiparar, ele as transportou para o interior do espírito humano, transformando em ideias os dados recebidos por nossos sentidos.¹²

O primeiro passo dado por Bergson em direção ao estudo do papel do corpo foi a consideração sobre nossa relação com o mundo material. Qual é a matéria indispensável para que haja percepções? Como se estrutura a realidade material? É na tentativa de responder a perguntas como essas que Bergson se propôs a pensar o mundo material como imagem.

A MATÉRIA SOB A PERSPECTIVA DA IMAGEM

O ponto de partida, presente logo na primeira frase do capítulo inicial de *Matéria e Memória*, é um convite a lançarmos um olhar sobre o mundo, desprovido das concepções realistas ou idealistas quanto à matéria.¹³ A proposta se resumiria, simplesmente, a nos colocarmos diante daquilo que de mais imediato nos chegaria através de nossos sentidos, suspendendo metodologicamente¹⁴ as concepções filosóficas que Bergson busca superar. Camille Riquier contextualiza essa opção feita por Bergson quando remonta as origens do problema da união entre o espírito e o corpo à filosofia de Descartes. Segundo Riquier, é no corte operado pelo cartesianismo entre o corpo e a alma que o realismo e o idealismo se permitem ver o mundo exterior como uma coisa inacessível aos sentidos ou uma representação mental. A proposta de Bergson seria, então, situar-se antes desse corte do cartesianismo, buscando entender as bases que constituiriam tanto o realismo quanto o idealismo.¹⁵ Qual seria a experiência humana da realidade quando não se parte desse corte entre a mente e a matéria?

A sugestão que se segue é a de que percebemos “imagens”. Bergson se refere por “imagem” àquilo que percebo quando “abro meus sentidos” e

¹² BERGSON, 2010, p.3.

¹³ “Iremos fingir por um instante que não conhecemos nada das teorias da matéria e das teorias do espírito, nada de discussões sobre a realidade e idealidade do mundo exterior.” Ver: BERGSON, 2010, p.11.

¹⁴ WORMS, 1997, p.20.

¹⁵ RIQUIER, 2009, p.320-321.

que deixo de perceber quando os sentidos são fechados.¹⁶ Isso pode soar vago para o leitor especializado, aquele que está acostumado com, por exemplo, as visões realistas e idealistas quanto à matéria, mas é essa a intenção do autor, pois ele não quer colocar os dados recebidos por nossos sentidos em termos de “coisas” ou de “representações”. Sendo assim, o termo “imagem” evoca o sentido de uma exterioridade e uma interioridade.¹⁷ Bergson ainda acrescentou: “E por ‘imagem’ entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa – uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação.’” (Id, 2010, p.1-2). Só há necessidade de colocar a imagem como uma opção intermediária entre as posições realistas e idealistas porque Bergson “quer evitar a intransponível lacuna entre mente e matéria” (LACEY, 1989, p.93).¹⁸ Com isso, ele mesmo reconhece que a concepção de imagem se aproxima fortemente ao “senso comum”, o que não é uma dificuldade ou diminuição de seu argumento.¹⁹

Nesse caso, a noção de imagem seria uma reabilitação filosófica do senso comum. A totalidade da matéria é imagem e esta existe independente de ser ou não percebida. O convite bergsoniano para se compreender o mundo material a partir das imagens não perturba o senso comum, além de ser uma indicação de um fundamento ontológico para as imagens.²⁰ Bergson anteviu o quão estranha poderia ser uma postura filosófica que se colocasse próxima ao senso comum, pois tanto a concepção realista quanto a idealista servem de base para estudos da Psicologia, Fisiologia, dentre outros.²¹ Além do mais, renunciar alguns hábitos filosóficos para retornar a uma postura anterior a eles é de “dificuldade extrema”, principalmente quando a

¹⁶ BERGSON, 2010, p.11. Worms fala de uma “fenomenologia” da percepção para caracterizar as primeiras linhas do primeiro capítulo de *Matéria e Memória*. Esta fenomenologia é proveniente da suspensão das teses de realidade do mundo para manter o foco apenas no que aparece como tal. Ver: Id, 2010, 138-139.

¹⁷ Id, 2012, p.312. A exterioridade se vincula com o mundo material ao qual os sentidos são “abertos” e a interioridade já sugere a existência de um corpo, capaz de perceber o mundo material.

¹⁸ Também Lacey localiza esse corte entre mente e matéria na filosofia cartesiana.

¹⁹ “Um homem estranho às especulações filosóficas ficaria bastante espantado se lhe disséssemos que o objeto diante dele, que ele vê e toca, só existe em seu espírito e para seu espírito [...]. Mas, por outro lado, esse mesmo interlocutor ficaria igualmente espantado se lhe disséssemos que o objeto é bem diferente daquilo que ele percebe, que ele não tem nem a cor que o olho lhe atribui, nem a resistência que a mão encontra nele.” Ver: BERGSON, 2010, p.2.

²⁰ LACEY, 1989, p.89.

²¹ BERGSON, 2006, p.86.

novidade proposta se aproximaria muito do antigo senso comum, ou seja, de uma perspectiva não teórica.²²

Ao abrir os sentidos para o mundo, percebemos imagens e as relações que estas estabelecem entre si. Um ponto importante é que essas imagens estão em interação umas com as outras a partir de relações constantes, ou, como Bergson diz, estão sujeitas às “leis da natureza” (Id, 2010, p.11). Talvez fosse possível, caso compreendêssemos todas as relações que a matéria estabelece entre si, prever os rumos de tais interações.²³ Dentro desse conjunto de imagens percebidas temos também o nosso corpo: ele faz parte do mundo material. Estaria também o corpo sujeito a essas mesmas leis da natureza? Não há dúvida que sim, pois ele é uma imagem. Todavia, como bem pontuou Bergson, o corpo tem uma característica especial, pois ele é conhecido por fora, pelas percepções, mas também por dentro, pelas afecções.²⁴

Bergson passou em revista como essas afecções se produzem. Ele sugere que as afecções se vinculam aos estímulos externos e esboçam possibilidades de movimentos. Estas convidam a agir, mas também têm a “autorização de esperar ou nada fazer”, parecem se guiar pela utilidade ou não da escolha a ser feita diante de um estímulo, mas não uma “coerção que exclui a escolha”. Dado um estímulo externo e uma sensação que o seguiu, podem ser evocadas lembranças que recordem situações de perigo já vivenciadas, a fim de se evitar o que poderia colocar a vida em risco. Ainda nesse quadro, quando se examina a consciência, é possível perceber que esta se faz presente na afecção e assiste às iniciativas que se poderia tomar. Mas a consciência também se eclipsaria quando a atividade se torna automática, demonstrando-se desnecessária.²⁵ Bergson não teve, aqui, uma preocupação em dar uma descrição profunda do que seria a afecção. Seu interesse maior estava, antes, em compreender o papel que esta exerce dado um estímulo

²² BERGSON, 2006, p.87.

²³ WORMS, 1997, p.22. Worms comenta que essa é a prática da ciência. Porém, ela faz um caminho inverso: ela não tem como ponto de partida a totalidade do mundo exterior, ao contrário, chegaria a uma totalidade a partir das relações de causalidade e necessidade que há nas partes dessa totalidade, o que poderia ser visto como um processo de fragmentação.

²⁴ BERGSON, 2010, p.11. Quando falávamos sobre as imagens, apontávamos o sentido de “interior” e “exterior”. Estes termos podem ser melhor compreendidos agora, visto que é apresentada uma diferenciação entre a percepção e a afecção. Zunino comenta que o corpo humano, por ser uma imagem especial, introduz essa dicotomia de “interior” e “exterior”. Seria nesse sentido que o corpo é conhecido por fora (percepção) e por dentro (afecção). Ver: ZUNINO, 2012, p.141.

²⁵ BERGSON, 2010, p.12.

exterior do que em descrever o conteúdo da afecção.²⁶ Um ponto chave para entender o papel das afecções para o ser humano está na condição em que elas se produzem: “[...] descubro que vêm sempre se intercalar entre estímulos que recebo de fora e movimentos que vou executar [...]” (BERGSON, 2010, p.12). Nesse ponto da exposição, Bergson já anunciava que o movimento é a chave de compreensão mais importante para entender o fenômeno da percepção e das afecções. Nosso corpo é uma imagem inserida no conjunto da totalidade das imagens, mas pode se mover no espaço e responder de diversos modos aos estímulos externos. Entretanto, como as imagens estão em interação umas com as outras a partir das leis da natureza, o determinismo da ação humana surge novamente como questão a ser enfrentada.

Quando Bergson descreve que a interação entre as imagens seguia o padrão das leis constantes que regem a matéria, ainda não tinha citado o corpo como uma imagem especial. Ao descrever o processo perceptivo e afetivo, de acordo com tal descrição, parece que o corpo não se comporta do mesmo modo como as outras imagens.²⁷ Dado um determinado estímulo externo, teríamos diferentes modos de responder ao mesmo estímulo, o que não acontece da mesma maneira com as outras imagens. Diante disso, questiona-se: ou essa aparência de que temos diversas possibilidades de respostas aos dados fornecidos pela percepção é enganosa ou há uma parcela de indeterminação no ser humano, visto que as ações e o estado afetivo que as acompanha não poderiam ser “[...] rigorosamente deduzidos dos fenômenos anteriores como um movimento de movimento [...]” (BERGSON, 2010, p.12). Seguindo essa lógica da abertura e fechamento dos sentidos à exterioridade, e deixando em suspenso as teorias da matéria que buscou refutar, Bergson conclui, nesse primeiro bloco argumentativo, que:

Atenhamo-nos às aparências; vou formular pura e simplesmente o que sinto e o que vejo: *Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo.* (BERGSON, 2010, p.12 – grifo do autor)

²⁶ WORMS, 1997, p.23.

²⁷ Worms escreve que, segundo Bergson, toda teoria do conhecimento ou da percepção deve partir de um duplo pressuposto comum: um “conjunto de imagens”, habitualmente chamado de mundo material, e o corpo, uma imagem particular, radicalmente inserida nesse conjunto de imagens, mas pela qual cada um tem uma experiência singular por conhecer o próprio corpo pela percepção e pela afecção. Ao primeiro pressuposto se associa uma necessidade teórica: poder ser percebido; ao segundo, associam-se as necessidades da vida. Ver: Id, 2010, p.139-140.

Como Bergson entreviu que o corpo humano tem um papel específico na relação com as outras imagens, ele se propôs a verificar qual seria essa estrutura do corpo humano que contribuiria para a indeterminação da ação. Trata-se do nosso próximo passo ampliar em que sentido o corpo humano tem um estatuto especial em relação às demais imagens. Com isso, passamos para uma segunda etapa da argumentação bergsoniana, oferecendo uma breve descrição do papel do sistema nervoso na percepção e suas respectivas implicações que apontarão para esse papel especial do corpo vivo.

O SISTEMA NERVOSO

Em uma primeira e simplificada descrição do sistema nervoso, Bergson nos apresentou dois movimentos básicos que estão relacionados com os nervos aferentes e os nervos eferentes. O papel dos nervos aferentes é o de transmitir os estímulos provenientes do exterior, das imagens percebidas, aos centros nervosos, ou seja, à medula e ao cérebro. Já os nervos eferentes, realizando o caminho contrário, partem dos centros nervosos e conduzem as respostas à periferia do corpo, com o intuito de colocar, se não todo o corpo, ao menos parte deste em movimento.²⁸ Falamos, aqui, de transmissão de estímulos em função de se desempenhar uma ação, uma resposta àquilo que nos chega pelos nossos sentidos. Qual seria a posição dos fisiologistas e dos psicólogos quanto ao papel do sistema nervoso? A resposta seria que os nervos eferentes, que produzem um movimento centrífugo, podem colocar o corpo em movimento; por sua vez, os nervos aferentes produzem um movimento centrípeto que faz nascer “a representação do mundo exterior”.²⁹ É nesse contexto de diálogo com a Fisiologia e a Psicologia que surge o tema que relaciona a percepção e a representação.

Bergson, ao assumir que a realidade é composta por imagens, não pôde conceber uma separação entre o universo e a representação do universo.³⁰ A análise do sistema nervoso, quando colocada em termos de imagens, torna absurda a afirmação de que parte do mundo material gera a representação de todo mundo material, pois se os nervos aferentes são

²⁸ BERGSON, 2010, p.13.

²⁹ Ibid, p.13. Os “movimentos centrífugos” têm por função conduzir estímulos dos centros nervosos às periferias do corpo. Já os “movimentos centrípetos” conduzem os estímulos das periferias do corpo aos centros nervosos (Ibid, p.16).

³⁰ WORMS, 1997, p.27.

imagens, se o cérebro é imagem, se o estímulo transmitido pelos nervos também é imagem, como poderia uma ínfima parte do mundo material engendrar a representação da totalidade do mundo físico? Para tanto, seria necessário que a totalidade das imagens percebidas estivesse presente em uma pequena parte do mundo material, que um simples movimento molecular contivesse ou fosse capaz de produzir a própria realidade das imagens.³¹ Ora, se cada movimento molecular é parte do mundo, então ele não pode ser equivalente à totalidade do mundo.

Quando a questão da criação de representações mentais por parte do cérebro é formulada em termos de imagens, erige-se um interdito para se conceber o mundo como “coisa”, do ponto de vista realista, ou “representação”, do ponto de vista idealista. Para Worms, tanto “coisa” como “representação” suporiam dois níveis de realidade: o mundo exterior e a representação cerebral do mundo, pois o realismo colocaria uma intransponível barreira inteligível entre a representação do mundo e o próprio mundo e o idealismo prescindiria do mundo exterior para sustentar as representações mentais. Por trás da hipótese de que o cérebro engendra representações mentais, haveria a implicação de uma tese ontológica ao estatuto da representação: um segundo nível da realidade que não se explicaria pelo nível material.³² Isso também envolveria, além de um duplo fundo da realidade, algum poder oculto do cérebro em engendrar as representações mentais.³³ Worms sugere que, ao evitar a colocação do problema ao modo de dois níveis da realidade, Bergson pretendia reduzir o poder do corpo em engendrar representações mentais. Na medida em que o cérebro não cria a representação do mundo, ficaria mais fácil apontar que este se destinaria primordialmente à ação do corpo na relação com os objetos exteriores ao corpo.³⁴ De imediato, o que se verifica é que a proposta bergsoniana da compreensão do fenômeno da percepção, a partir das imagens, é mais simples àquelas que ele se opõe, além de não ter a necessidade de justificar ontologicamente a representação mental.

Bergson ainda afirmou que pouco importa se chamamos o mundo material de imagem ou matéria. Se é matéria, o cérebro estaria contido no

³¹ BERGSON, 2010, p.13.

³² WORMS, 1997, p.27.

³³ Ibid, p.28.

³⁴ Ibid, p.29.

conjunto do mundo material; se é imagem, o cérebro só poderia oferecer aquilo que estivesse contido nele, visto que seria uma imagem particular, a saber, imagem do próprio corpo. Em todos os casos seria um absurdo retirar do próprio cérebro a representação do universo.³⁵ O corpo humano, portanto, é uma imagem que recebe movimento a partir dos estímulos externos e restitui movimentos às demais imagens. A diferença que surge em relação às demais imagens é que o corpo humano “parece escolher” em que medida os movimentos seriam devolvidos, diferentemente das outras imagens sujeitas apenas às “leis da natureza”. Com isso, Bergson chegou a uma conclusão importante sobre o papel do corpo: “Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é portanto um centro de ação; ele não poderia fazer nascer uma representação” (BERGSON, 2010, p.14). É nesse sentido que se compreende o corpo como uma imagem especial.

O corpo humano, na medida em que Bergson supôs que este possui algumas características de indeterminação em relação aos estímulos externos, devido a suas próprias necessidades biológicas e complexidade do sistema nervoso, pode escolher, dentre as várias possibilidades provenientes das relações estabelecidas com as outras imagens, aquilo que é mais útil para a consecução de seus objetivos imediatos.³⁶ O sentido do termo “possibilidade” é bem preciso para Bergson, pois este tem um direcionamento para a ação, não se trata de uma possibilidade com fundamento abstrato.³⁷ Uma ação do corpo em resposta aos estímulos externos se vincula com as possibilidades de respostas que as imagens exteriores ao corpo permitem estabelecer, mas o critério da escolha³⁸ será a utilidade em favor da preservação da vida do corpo humano, sendo que essa qualidade da utilidade das outras imagens para a ação do corpo está contida nas próprias imagens.

³⁵ BERGSON, 2010, p.14.

³⁶ Ibid, p.15. Sobre o papel da necessidade biológica e sua ligação com a indeterminação do corpo humano, Worms escreve: “O corpo humano deve agir em função de suas carências vitais e não da necessidade física: sua necessidade biológica interna aparece como uma indeterminação do ponto de vista da necessidade física. Mais ainda, ela é uma indeterminação positiva, ou o que Bergson chama de escolha, uma escolha entre os objetos concretos do mundo em função de suas carências.” (Id, 2010, p.143).

³⁷ Worms, quanto a isso, escreve: “É preciso, então, ligar o possível ao útil. O útil está para a ação assim como o possível está para o real.” (Id, 1997, p.31).

³⁸ O termo “escolha” também tem uma conotação importante para Bergson, pois aponta para dois tipos de ações: a possível e a real. Só se escolhe quando há possibilidades que se figuram ao corpo humano diante de suas necessidades biológicas. A ação torna-se real, ou concreta, a partir da eleição que o corpo fez das imagens circundantes. Ver: ZUNINO, 2012, p.142. Vale frisar que a escolha da ação mais útil não reflete uma simples questão do utilitarismo, antes, a escolha se dá pelo critério da preservação da vida.

Ainda sobre o corpo humano, Bergson afirmou que a contiguidade é determinante no processo da percepção e da eleição do que é mais útil para a ação atual. Quanto maior a proximidade entre o corpo e as imagens circundantes, maior a possibilidade da ação imediata do corpo. Ao contrário, quando mais distante está a relação entre o corpo e algumas imagens, quanto maior for o espaço entre estes, mais estas imagens se tornam indiferentes para o corpo que as percebe.³⁹ Para aquele que percebe, seu corpo se coloca como o “centro absoluto de referência”, o que esboça a sugestão de uma distinção basilar entre o corpo humano e as demais imagens circundantes.⁴⁰ Porém, tal distinção se dá no horizonte das imagens, não supondo uma distinção de natureza entre a imagem peculiar que é o corpo humano e as imagens externas a este. Assim, Bergson sugeriu uma relação de espelhamento entre as imagens e o corpo humano: “Os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles.” (Id, 2010, p.15-16). Aquilo que é refletido pelos objetos também é o que nossa percepção capta destes em favor da ação imediata do corpo humano nas demais imagens.

O problema da criação das representações mentais é ainda pensado, por parte do cérebro, por duas perspectivas. Suponhamos que o mundo material fosse supresso, o que aconteceria? Por acaso o cérebro e os movimentos cerebrais não deixariam de existir? Fica evidente que sim, posto que estes são parte do mundo material. Imaginemos, pelo contrário, que o cérebro e seus movimentos fossem supressos, o mundo material se esvaeceria? Não, apenas uma pequena parte, “insignificante”⁴¹, aliás, diante da totalidade do mundo material, deixaria de existir. É por isso que Bergson afirmou que é o cérebro que faz parte do mundo material, não o oposto.⁴² Disto, Bergson procurou retirar uma conclusão provisória da relação entre a percepção e a ação. Caso os nervos que conduzem os estímulos das periferias do corpo aos centros nervosos fossem seccionados, perder-se-ia a ligação entre os centros nervosos e a totalidade das imagens, resultando na perda da capacidade perceptiva. Atrelada a essa perda está a incapacidade de agir,

³⁹ BERGSON, 2010, p.15.

⁴⁰ WORMS, 1997, p.32.

⁴¹ Bergson fez questão do uso do termo “insignificante” para, também, se contrapor a H. Taine. Este afirmava que a supressão dos nervos aferentes não finalizaria o mundo exterior, pois o cérebro ainda engendraria sensações representações mentais. Ver: BERGSON, 2012 p.314-315.

⁴² Id, 2010, p.13.

visto que, para haver interação com as outras imagens, é necessário o estímulo externo. Este ainda existiria, mas o canal que o vincularia aos centros nervosos não mais o transmitiria. Como agir, como responder a tais estímulos se eles não chegariam ao cérebro ou à medula espinhal? Daí se segue a conclusão bergsoniana acerca da relação entre a percepção e a ação: o seccionamento dos nervos aferentes alterará nossa capacidade de agir no mundo, mas o que desaparece é nossa faculdade perceptiva e, dito isto, ele concluiu com duas definições provisórias: “[...] Chamo de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo.” (BERGSON, 2010, p.15-16 – grifo do autor). Com essas definições provisórias, Bergson situou o papel do corpo levando em consideração a proposta de se compreender a existência material como imagem. A percepção da matéria não está vinculada a alguma faculdade de criação de representações mentais, mas se orienta pela ação do corpo diante das outras imagens que o circundam.

No caso hipotético do seccionamento dos nervos aferentes e dada a impossibilidade de os centros nervosos captarem os movimentos moleculares provenientes dos estímulos externos, compreende-se que a percepção depende de tais movimentos moleculares. Quando os estímulos externos se alteram, também os movimentos moleculares se alterariam. A consequência disso é que a percepção se altera.⁴³ A posição a que Bergson se opôs suporia que a função da percepção seria traduzir os movimentos moleculares, mas esses movimentos ainda pertencem ao corpo. Como fazer com que destes surja a representação do mundo exterior? A totalidade das imagens ultrapassa incomensuravelmente às vibrações cerebrais. No fundo, Bergson denunciou que, ao assumir que de tais movimentos moleculares nasce a representação, conferiu-se aos movimentos cerebrais mais ou menos qualidade que uma imagem.⁴⁴ Há uma sutileza presente nessa passagem: realistas e idealistas assumiram uma determinada imagem, o corpo humano, e sua diferença ontológica em relação às demais imagens; com isso, o cérebro deixa de ser imagem e passa a ser outra coisa, adquirindo outras qualidades. Eis uma mudança abrupta que se realiza no sistema nervoso para se manter o argumento de que o cérebro engendra representações. Como justificar isso?

⁴³ BERGSON, 2010, p.17.

⁴⁴ Ibid, p.17-18.

Não há necessidade de se incorrer nesse labirinto quando se assume o cérebro como imagem destinada a colocar o corpo humano em movimento. Com essa argumentação acerca do sistema nervoso, criamos as bases para uma abordagem mais positiva da natureza da percepção. Bergson nos propôs um peculiar modo para refletir o que é a percepção, retirando desta todos os elementos que se somariam, mas que, não necessariamente, compõem a percepção em estado mais puro.

TEORIA DA PERCEPÇÃO PURA

A Teoria da Percepção Pura é uma das pedras preciosas do primeiro capítulo de *Matéria e Memória*. É a partir dela que Bergson criou a base para uma contundente crítica ao realismo e ao idealismo. Sabendo que a percepção efetiva envolve também as lembranças, as experiências já vividas e recuperadas são as contribuições do sujeito que percebe, formando, assim, a parte “subjativa” do nosso conhecimento do mundo. Caso separemos, mesmo que por uma abstração mental, o aspecto subjetivo de nossa contribuição à percepção, poderemos fixar aquilo que seria a percepção em um estado mais puro. A hipótese de se dissociar as lembranças das percepções, para ficar com o que é mais específico da estrutura perceptiva humana, poderia soar artificial, pois não retrataria a realidade do fenômeno da percepção. O próprio Bergson apontou para esse tipo de questionamento que se levantaria à sua proposta, que seria arbitrário retirar o elemento que confere subjetividade aos estímulos externos recebidos.⁴⁵ Ele escreveu que os “acidentes individuais”, ou seja, nossas lembranças, são “enxertados” no fenômeno da percepção e, justamente por serem algo que se acrescenta à percepção, tais lembranças se diferenciariam, ao menos de direito, da percepção. Bergson evidenciou que é precisamente por não se marcar esta diferença que se faz da percepção em geral “uma espécie de visão interior e subjativa”, que não se compreenderia senão por uma variação de intensidade com as lembranças.⁴⁶ É esse o objetivo que ele procurou responder com os dois capítulos centrais de *Matéria e Memória*: que as

⁴⁵ BERGSON, 2010, p.30.

⁴⁶ *Ibid*, p.31.

lembranças são de natureza distinta da percepção.⁴⁷ Todavia, não é objetivo de nosso artigo aprofundar qual seria a própria natureza da memória.

A “percepção pura” é uma exposição esquemática⁴⁸ que propõe pensar o que seria a percepção desprovida de lembranças. Em outras palavras, trata-se de um convite para se situar no presente e no imediato dos estímulos externos que nos chegam, desconsiderando as contribuições daquilo que já vivemos e que poderiam ser úteis para nossa ação, ou seja, abre-se mão da contribuição do passado.⁴⁹ Já que na percepção pura abrimos mão das lembranças, esta não retrata nossa experiência perceptiva concreta e, nesse caso, a percepção pura existe mais de “direito” do que de “fato”.⁵⁰ Uma percepção pura, em um primeiro momento, nos daria a totalidade de um objeto, colocar-nos-ia diante de todas as características deste objeto.⁵¹ Como no princípio de sua argumentação acerca das imagens, Bergson afirmou que estas estariam todas em relações umas com as outras, segundo as leis da natureza, podemos inferir, então, que a percepção pura também nos projetaria para uma percepção da totalidade das imagens, pois perceber todas as características de uma imagem também supõe perceber as relações que esta estabelece. Mas não representamos a totalidade das imagens e sim algumas imagens em particular.⁵² Dado que uma percepção da totalidade do mundo material não teria utilidade para a ação humana, segue-se o trabalho de compreender como a percepção se individualiza, a ponto de se concentrar em uma ou algumas imagens específicas.

Em vista de oferecer um estudo mais positivo da função do cérebro no processo da percepção pura, Bergson propôs outra análise do sistema nervoso, especificamente da constituição deste na série animal.⁵³ Ao verificarmos a estrutura nervosa de um ser vivo bem simples, tendo um ser unicelular como exemplo, é possível encontrar respostas contráteis e irritabilidade da membrana plasmática diante de estímulos exteriores. Percepção e reação reflexa se confundem, dada a simplicidade das reações

⁴⁷ JANKÉLÉVITCH, 2008, p.96-97.

⁴⁸ Suzanne Guerlac sugere que essa proposta de Bergson que culmina da “Teoria da Percepção Pura” se aproxima daquilo que Kant chamou de “ideia reguladora”, no sentido de propor um caso virtual e limite que nos ajudaria a compreender as “extremidades de um conceito”. Ver: Id, 2006, p.115.

⁴⁹ BERGSON, 2010, p.31-32.

⁵⁰ Ibid, p.31.

⁵¹ Ibid, p.35.

⁵² Ibid, p.39.

⁵³ Ibid, p.24.

mecânicas, químicas e físicas que fazem a função do sistema nervoso neste organismo simples.⁵⁴ Ao avançar na série animal em direção aos vertebrados, constata-se uma evolução em complexidade do sistema nervoso, surgimento de células nervosas especializadas em receber e transmitir estímulos. Dado um simples estímulo externo, diferentemente de um ser unicelular, esse organismo mais complexo teria várias possibilidades de responder ao estímulo recebido.⁵⁵

Esse argumento acerca do sistema nervoso merece destaque, pois ao introduzir uma análise dos seres vivos em suas estruturas de complexidade do sistema nervoso, Bergson utilizou uma perspectiva evolucionista em sua reflexão filosófica.⁵⁶ Tanto organismos primitivos, quanto organismos complexos são capazes de ter percepções e estas se explicariam simplesmente em função da ação do corpo vivo no mundo: percebe-se em função de agir para sobreviver. Nesse caso, Bergson buscou, na complexidade do sistema nervoso, não um princípio fechado de respostas automáticas e determinadas, porém um suporte biológico para a ação livre.⁵⁷ Sem conceber a possibilidade da ação livre por parte do ser humano, a proposta bergsoniana da percepção pura não faria sentido. Estamos diante de um conceito de “liberdade” baseado apenas na resposta sensório-motora do corpo próprio aos estímulos percebidos. “Liberdade”, nesse caso, se aproxima de “indeterminação da ação”. Contudo, esse princípio de indeterminação da resposta do organismo aos estímulos externos se vincula ao cérebro, não à medula espinhal.

Ao comparar o funcionamento da medula espinhal e do cérebro, Bergson afirmou que há uma diferença de complexidade entres estes. A medula espinhal tem por principal característica a ação reflexa, ou seja, os estímulos externos a atingiriam e a medula provocaria uma reação de contração muscular, processo bem semelhante ao de um ser unicelular.⁵⁸ O estímulo que não passa primeiro pela medula teria como direção o cérebro e

⁵⁴ Ibid, p.24-25.

⁵⁵ Ibid, p.25.

⁵⁶ GUERLAC, 2006, p.107.

⁵⁷ WORMS, 1997, p.46.

⁵⁸ Vale lembrar que os estudos sobre a medula espinhal e sobre o cérebro disponíveis a Bergson correspondem a um entendimento básico sobre a relação entre estes. Provavelmente, Bergson teve contato com autores como: François Magendie (1783-1855 – *Leçons sur les fonctions du système nerveux*), Charles-Édouard Brown-Séquard (1817-1894), Alfred Vulpian (1826-1887 – *Leçons sur la physiologie générale et comparée du système nerveux*, recolhido por M. E. Brémond). Ver: BERGSON, 2012, p.313.

este pode enviar as informações recebidas para as células motoras.⁵⁹ Qual seria a vantagem do cérebro em relação à medula? A complexidade cerebral permite que o estímulo seja devolvido por diversos caminhos a partir dos nervos eferentes, possibilitando ações diversas, inclusive é possível que se iniba o movimento e as respostas do corpo. Estamos diante de uma diferenciação da ação automática e da ação voluntária.⁶⁰ Guerlac comenta que, por ser complexo, o aparato sensorial humano pode perceber algo por diferentes sentidos, que são coordenados pelo cérebro. Ao passar pelo cérebro, tais estímulos podem ser processados, esboçando, assim, uma gama de possibilidades de ação. O fator do tempo se apresenta como importante para uma ação voluntária, favorecendo que haja um atraso maior entre o estímulo externo e possíveis respostas ao estímulo. Se não houvesse esse fator de atraso entre estímulo e resposta, estaríamos no automatismo da ação.⁶¹ Entretanto, não há uma clareza de como poderíamos especificar o direcionamento de um estímulo externo. O que faz com que o estímulo externo passe primeiro pela medula ou pelo cérebro? Bergson vinculou percepção e ação, afirmando que percebemos em função de agir no mundo. Mas, parece que só o critério da ação humana seria insuficiente para responder a essa pergunta, pois seria necessário que houvesse um discernimento do próprio estímulo antes que este fosse direcionado para o cérebro ou a medula. Este tipo de discernimento não poderia ser algo que se acrescentasse à matéria, pois o que temos é o conjunto das imagens. Essa questão permanece em aberto no texto bergsoniano.

Em virtude da importância do tempo gasto no processamento do estímulo externo, Bergson procurou ilustrar esse procedimento a partir de uma metáfora sobre o funcionamento de uma central telefônica dos finais do século XIX e, também, tirar algumas conclusões acerca do funcionamento do cérebro e da medula espinhal. “O cérebro não deve portanto ser outra coisa, em nossa opinião, que não uma espécie de central telefônica: seu papel é ‘efetuar comunicação’, ou fazê-la aguardar.”⁶² Se nos colocamos no final do século

⁵⁹ BERGSON, 2010, p.25.

⁶⁰ GUERLAC, 2006, p.108.

⁶¹ GUERLAC, 2006, p.113.

⁶² BERGSON, 2010, p.26 – grifo do autor. Às palavras de Bergson, acrescenta-se um comentário de Zunino, no qual ele destaca a importância desse exemplo bergsoniano, pois, aos modos de uma central telefônica, o cérebro amplia a capacidade de ação e reação do ser humano, garantindo-nos uma zona de indeterminação que é diretamente proporcional à complexidade do sistema nervoso. Ver: Id, 2012, p.131.

XIX, período em que *Matéria e Memória* foi escrito, compreenderemos a atualidade e a genialidade da comparação. O funcionamento de uma central telefônica era complexo e novo para aquele período. Ao efetuar uma ligação, os dispositivos mecânicos operados por um telefonista transmitiriam a ligação para o destinatário, dentre as várias possibilidades existentes. Essa operação requer tempo e se reduz apenas a um direcionamento da chamada, não acrescentando nada a esta. De modo semelhante, o cérebro não acrescentaria nada ao estímulo recebido, mas selecionaria, dentre as possibilidades motoras, a mais apropriada para o momento. Porque o sistema nervoso humano é complexo, os sentidos podem oferecer vários caminhos que vão do estímulo ao cérebro. O retorno desses estímulos às periferias do corpo, a fim de preparar a ação, também possui caminhos muito diversos. A função cerebral seria a de analisar os estímulos recebidos e selecionar os movimentos a serem executados,⁶³ ou seja, uma função mediadora,⁶⁴ o que difere da função reflexa da medula espinhal. Dessa comparação entre o funcionamento da medula espinhal e do cérebro, Bergson conclui que há apenas uma diferença de complicação entre estes, não havendo, então, uma diferença de natureza, mas sim de grau entre a medula espinhal e o cérebro.⁶⁵ Com base nisso, podemos também inferir que a diferença entre o sistema nervoso humano e o de um protozoário, por exemplo, é baseada na complicação do primeiro em relação ao segundo, uma diferença de grau.

Retomando a proposta que Bergson utilizou para introduzir o tema das imagens, poderíamos fazer o mesmo, tendo, por princípio, a percepção pura. O que aconteceria, desconsiderando as teorias da matéria e a contribuição da memória, quando alguém abre seus sentidos para o mundo exterior? Alguém que fosse capaz de uma percepção de tal tipo, ao abrir seus sentidos para o mundo exterior, estaria diante, primeiramente, da totalidade das imagens. Porém, não se teria uma representação do conjunto das imagens, visto que esta não seria útil para ação alguma. Na medida em que o corpo dessa pessoa manifestasse suas necessidades biológicas, a percepção se direcionaria para aquelas imagens que, de alguma forma, contribuiriam para a preservação da vida. Eis que algumas características dessas imagens serão representadas e darão os contornos dos objetos a que

⁶³ BERGSON, 2010, p.27

⁶⁴ WORMS, 1997, p.46.

⁶⁵ BERGSON, 2010, p.25.

pertencem. Seriam esses contornos criados pelo cérebro ou seriam eles características das próprias imagens? O estado cerebral se caracteriza por ser o começo da ação, não pela criação de representações mentais. Com isso, as qualidades das imagens estão nas próprias imagens, não em nossos estados cerebrais: o cérebro não acrescenta, como que por uma função misteriosa, algo à realidade percebida. A percepção, a partir da Teoria da Percepção Pura, se dá nos próprios objetos, não em nós. Porque a percepção faz parte das imagens, ambas partilham de uma mesma natureza,⁶⁶ implicando, assim, a pertença da percepção ao mundo material.

A conclusão de que a percepção faz parte do mundo material levou Bergson a pensar a ordem pela qual a percepção se inicia. Caso partamos de percepções particulares, mais facilmente poderíamos cair na dificuldade de atribuir ao cérebro a característica de acrescentar algo às percepções. De percepções particulares não se compõe a totalidade da realidade, isso seria um acréscimo cérebro. O primeiro dado fornecido quando se abre os sentidos ao mundo exterior é a totalidade das imagens. Só a partir daí, mediante as necessidades biológicas do corpo, é que algumas imagens são destacadas desse conjunto, a fim de colocar o organismo em movimento: “Nossa representação da matéria é a medida de nossa ação possível sobre os corpos; ela resulta da eliminação daquilo que não interessa nossas necessidades e, de maneira mais geral, nossas funções.”⁶⁷ Se temos uma percepção de um ponto específico no espaço, as características por nós apreendidas são muito inferiores do que o ponto, pois não representamos as relações que esse ponto estabelece com todo o universo, ou seja, nossa percepção é um recorte da totalidade das imagens.⁶⁸ Nossas percepções só são possíveis porque há o *background* do mundo material, do qual as mesmas percepções pertencem. A supressão do mundo material levaria à supressão da percepção. Pensado desse modo, o caminho mais coerente, para Bergson, não seria o de explicar como que de algumas percepções particulares compomos a totalidade do mundo material. Ao contrário, como nossa percepção, que de direito é da totalidade das imagens, se especifica e recorta dessa totalidade algumas imagens em particular.⁶⁹ Compreender o

⁶⁶ Ibid, p.212.

⁶⁷ BERGSON, 2010, p.35.

⁶⁸ Ibid, p.36.

⁶⁹ Ibid, p.39.

corpo humano como um centro indeterminado de ações, com base na complexidade do cérebro, responderia esse questionamento sem que fosse necessário acrescentar algo de misterioso à matéria ou alguma faculdade cerebral de criar representações mentais.

CONCLUSÃO

Aproximamo-nos das dificuldades teóricas que Bergson procurou superar, quando nos apresentou o funcionamento do sistema nervoso e a Teoria da Percepção Pura. Realismo e idealismo a que Bergson se opôs encontram força em suas propostas para explicação da relação entre estados cerebrais e mundo material na medida em que fazem com que a percepção dependa diretamente dos movimentos cerebrais e não dos estímulos fornecidos pelas imagens, o que entra em choque com a argumentação bergsoniana.⁷⁰ Realismo e idealismo problematizam a relação entre a nossa percepção e o mundo material, seja afirmando que nossa percepção não capta aquilo que as coisas são ou que nossos movimentos cerebrais seriam suficientes para criar o mundo material.⁷¹ Afirmações desse tipo sugerem como que a existência de um mundo engendrado pelo cérebro ao lado de outro mundo que seria o universo material, fazendo com que a representação das imagens seja radicalmente diferente das próprias imagens.⁷² Quando se confere esse poder ao cérebro, de engendrar representações mentais, parte-se do princípio que uma imagem poderia se isolar do conjunto das imagens a ponto de ser possível explicar o todo pela parte. Bergson foi bem preciso em apontar que esta prática filosófica possui um postulado metafísico comum e que o realismo e o idealismo, para se sustentar e fundar um conhecimento científico do mundo material, entram em contradição neles mesmos.

Realistas e idealistas supõem a existência de dois sistemas de realidade: o mundo material e a representação que se faz do mundo material. Bergson afirmou que realistas e idealistas incidem sobre estes sistemas de realidade, assumindo um dos sistemas como ponto de partida para derivar o outro.⁷³ Ele também reconhece que realismo e idealismo são

⁷⁰ Ibid, p.19.

⁷¹ WORMS, 1997, p.36.

⁷² BERGSON, 2010, p.18.

⁷³ Ibid, p.21-22.

aceitáveis na medida em que se mantém fieis aos pressupostos que assumem.⁷⁴ Estamos diante de um fato que envolve o conhecimento científico. A questão que merece ser explicitada é sobre a possibilidade do conhecimento do mundo material: nossa percepção corresponde ou não com os objetos da percepção? O realista tem como ponto de partida o universo. Uma característica do mundo material é a sua estabilidade nas relações de causa e efeito, fazendo com que a existência de percepções variadas seja, para o realista, algo escandaloso.⁷⁵ Por mais que parta do universo governado por leis estáveis, o realista é obrigado a aceitar a existência das percepções, ou seja, um sistema em que o mundo material passaria a se orientar a partir de uma imagem específica, a saber, o corpo humano.⁷⁶ Mas este é, também, o ponto de partida do idealista: o mundo da percepção. O conhecimento do mundo seria mediado por uma imagem privilegiada, no qual todas as outras imagens se organizariam a partir dela.⁷⁷ Porém, se o idealista tem a percepção por ponto de partida, como ele vai lidar com a previsibilidade do mundo, na medida em que as imagens se relacionam entre si por leis constantes?⁷⁸ O modo como o idealista compreende a matéria é encerrado no presente, a percepção não se dá no passado ou no futuro. Ao se deparar com a Ciência, o idealista precisa recolocar o mundo material não a partir da ordem da percepção, mas em relações estáveis. Isto se deve ao fato que não se pode negar o sucesso da Ciência em ligar passado, presente e futuro quando esta se debruça sobre o estudo da matéria.⁷⁹

Portanto, ao se colocar do ponto de vista realista, partir-se-á do mundo material e, para conhece-lo, será necessário deduzir o fenômeno da percepção. Mas, como a premissa realista se baseia na estabilidade das relações da matéria, os objetos percebidos se tornam “coisa”, não havendo correspondência entre percepção e objeto percebido. Já a premissa idealista parte da percepção para se chegar ao mundo material e, com isso, os objetos percebidos são “representação”, sendo moldados pelas estruturas perceptivas do ser humano. Em última análise, bastaria apenas estar em posse dos movimentos cerebrais para que o idealista possuísse uma representação

⁷⁴ Id, 2009/A, p.194.

⁷⁵ WORMS, 1997, p.41.

⁷⁶ BERGSON, 2010, p.22.

⁷⁷ BERGSON, 2010, p.22.

⁷⁸ WORMS, 1997, p.41.

⁷⁹ BERGSON, 2010, p.22.

do mundo. Mas como não se pode negar o conhecimento científico e as percepções, o realismo e o idealismo, cada qual seguindo seu próprio modo, partirão de um sistema próprio, mas terão a necessidade de deduzir o outro sistema para manter a fidelidade ao fato da possibilidade da Ciência e ao fenômeno da percepção.⁸⁰

Do fato que, para se manterem coerentes, realismo e idealismo buscam uma complementaridade no sistema oposto não se segue que os dois modos de compreender a matéria estejam implicados um no outro.⁸¹ As hipóteses que nos levam a compreender a matéria como “coisa” ou “representação” são auto excludentes, são contrárias, sendo impossível aplica-las simultaneamente ao mesmo objeto.⁸² Como a representação mental de um objeto percebido poderia, ao mesmo tempo, corresponder estritamente com o próprio objeto, no caso do idealismo, e não retratar a realidade do mesmo objeto, no caso do realismo?⁸³ Bergson comentou que um sistema em que as imagens têm relações estáveis entre si, em que cada elemento possui sua própria identidade, não dialoga com outro sistema em que o universo se organizaria a partir de uma imagem privilegiada.⁸⁴ É incompatível se colocar um cérebro e deduzir dos estados cerebrais uma consciência, acreditando que a consciência seria correspondente ao estado cerebral, quando este é uma imagem e, pelo ponto de partida realista, uma coisa que não podemos conhecer, pois a percepção é acidental e não alcança a realidade dos objetos. Se há nas coisas algo que não está acessível à minha consciência, então meu cérebro, por ser material, também não está acessível completamente à minha consciência, negando o paralelismo entre a mente e o cérebro.⁸⁵

Também é incompatível se propor um sistema de imagens que é ordenado por um organismo vivo, cuja complexidade perceptiva se constitui como centro de organização do mundo exterior.⁸⁶ A primeira coisa que se negaria, com isso, seria a ordem da natureza, que constitui a base do

⁸⁰ Ibid, p.22.

⁸¹ Ibid, p.23.

⁸² Id, 2009/A, p.195.

⁸³ Morente sugeriu que a dificuldade que o próprio realismo e idealismo se põem é a tentativa de reduzir a um o que são duas ordens irreduzíveis uma à outra: mundo da sensibilidade, dado pela percepção, e o mundo exterior ao corpo, subjugado por uma visão matemática. Ver (Id, p.76).

⁸⁴ BERGSON, 2010, p.23.

⁸⁵ Id, 2009/A, p.195.

⁸⁶ Id, 2010 p.23.

conhecimento científico. Seria necessário conceber uma ordem harmoniosa entre o mundo material e o espírito humano, o que a própria experiência científica não confirma. “É a ciência que se tornará então um acidente, e seu êxito um mistério.” (BERGSON, 2010, p.24). No caso do idealismo, pouco se sustenta a equivalência entre a representação e o mundo exterior. Há uma contradição em achar que o mundo exterior está contido no cérebro, pois é o cérebro que faz parte da matéria, não o contrário, negando, também a hipótese paralelista.⁸⁷ Compreendemos, então, que a concepção de matéria do realismo e do idealismo, quando colocada pelo ponto de vista bergsoniano das imagens, esbarra no mesmo problema de sustentarem seus princípios e, ao mesmo tempo, afirmar o conhecimento científico e o fenômeno da percepção.

Se aprofundarmos ainda mais nos motivos que levam o realismo e o idealismo a caírem em contradição, encontramos um postulado metafísico comum que serve de base para todas as afirmações que estes fazem. Bergson formulou esse postulado comum do seguinte modo: “[...] a percepção tem um interesse inteiramente especulativo; ela é conhecimento puro.” (BERGSON, 2010, p.24 – grifo do autor). Essa é a chave de compreensão para a crítica bergsoniana ao realismo e idealismo com base em sua própria teoria: só se cria a necessidade de atribuir ao cérebro a capacidade de engendrar representações mentais quando se confere às atividades cerebrais uma função especulativa. O caminho argumentativo criado por Bergson, passando pela concepção do mundo material em termos de imagens, pela análise do sistema nervoso na série animal e pela Teoria da Percepção Pura serviram para apontar que a principal função do cérebro é dispor o organismo vivo para agir no mundo. Compreende-se a percepção em termos de ação, não de produção de conhecimento ou de representações mentais por parte do cérebro, este é melhor compreendido como centro de ação.⁸⁸ Se abandonamos a perspectiva de uma percepção destinada, primeiramente, ao conhecimento, não teremos a necessidade de colocar o problema de como justificar dois níveis de realidade: mundo material e conhecimento do mundo material.

⁸⁷ Id, 2009/A, p.195.

⁸⁸ GUERLAC, 2006, p.111-112.

Para Bergson, seria excessivo criar uma oposição entre realidade e conhecimento. Além do mais, é curioso notar que realistas e idealistas não atribuem as mesmas características especulativas do cérebro à medula espinhal. Não foi levantada, em nenhum momento, a possibilidade de se engendrar representações mentais a partir das respostas da medula aos estímulos externos. Se isso não é feito com a medula, por que atribuiríamos características especulativas ao cérebro, visto que a diferença entre estes é apenas de grau e complexidade? Colocada a questão em termos de imagens, surgiria outra oposição, a saber, as imagens que apenas estabelecem relações entre si a partir das leis da natureza e as imagens que se constituem como centro de ação indeterminada, na medida em que respondem às relações não apenas de modo reflexo, mas escolhendo o melhor modo de responder aos estímulos externos segundo as necessidades do corpo vivo.⁸⁹ Essa oposição não necessita de um segundo nível de realidade ou algo misterioso para ser explicada, justificando-se simplesmente pela complexidade que o sistema nervoso humano alcançou através dos processos evolutivos. Bergson simplificou a questão quando escolheu se basear nos aspectos fornecidos pelo próprio corpo humano e nas necessidades que este corpo tem que superar para continuar vivendo. Como ele mesmo atentou no final da Introdução de *Matéria e Memória*, é importante tomar cuidado com nossos hábitos de ação, pois, quando são transportados para o campo da especulação, podem criar falsos problemas.⁹⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *A Energia Espiritual*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno).

_____. *L'énergie spirituelle*. 9.ed. Paris: Quadrige / PUF, 2009. (Édition Critique).

_____. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno).

_____. *Matière et mémoire: Essai sur la relation du corps à l'esprit*. 9.ed. Paris: Quadrige / PUF, 2012. (Édition Critique).

⁸⁹ WORMS, 1997, p.38-39.

⁹⁰ BERGSON, 2010, p.10.

- _____. *O Pensamento e o Movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GUERLAC, Suzanne. *Thinking in time: an introduction to Henri Bergson*. New York: Cornell University Press, 2006.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Henri Bergson*. 3.ed. Paris: Quadrige / PUF, 2008.
- LACEY, A. R. *Bergson*. New York: Routledge, 1989. (Coleção *The Arguments of the Philosophers*).
- LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. 4.ed. Paris: Quadrige / PUF, 1997. (Volumes I e II).
- MORENTE, Manuel Garcia. *La filosofía de Henri Bergson*. Montevideo: Claudio Garcia & Cia, s/a. (Colección Cultura).
- RIQUIER, Camille. *Archéologie de Bergson: temps et métaphysique*. Paris: PUF, 2009.
- WORMS, Frédéric. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.
- _____. *Introduction à Matière et Mémoire*. Paris: PUF, 1997.
- ZUNINO, Pablo Enrique Abraham. *Bergson e a metafísica da ação*. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2012.